

## A linguagem dos quadrinhos de Flávio Colin

Alberto Ricardo PESSOA<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise crítica acerca da representação gráfica não verbal que Flávio Colin estabeleceu nas histórias em quadrinhos. A arte de Flávio Colin é considerada por autores como Laerte Coutinho, Mozart Couto, Rodolfo Zalla e Júlio Shimamoto como uma das mais inovadoras do universo das histórias em quadrinhos. Sua obra vem sendo reeditada e com isso novas gerações estão tendo acesso a seu trabalho, entretanto é de suma importância novos estudos de análise para a reiteração da importância deste artista sequencial, que é ainda pouco conhecido pelo grande público consumidor de histórias em quadrinhos. A estrutura do presente estudo consiste em introduzir o leitor três fases de Flávio Colin: A primeira consiste na produção de histórias em quadrinhos realizadas para Editora Outubro, de Miguel Penteadó e Jayme Cortez, entre 1959 e 1963; a produção de Colin de 1978, que possui como relevância o marco de sua volta aos quadrinhos depois de um longo período na publicidade; e a última história produzida por Colin em 2002 com a consolidação de uma estética visual que iria traduzir o escopo artístico do quadrinista.

**Palavras-chaves:** Histórias em quadrinhos. Comunicação. Flávio Colin.

### Introdução

Quando Flávio Colin começou a trabalhar na Galimar em 1955, na revista Coleção Aventuras, uma carreira singular começava dentro do universo das histórias em quadrinhos no Brasil.

No início da carreira, Flávio Colin trabalhou em editoras de grande e médio porte, como a Rio Gráfica e Editora (RGE), Diários Associados e Editora Continental. Nesses trabalhos, o artista realizou desde quadrinhos de guerra até adaptações de roteiros televisivos, como a série Vigilante Rodoviário.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Comunicação em Mídias Digitais – UFPB. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.

Entretanto, foi na pequena editora Outubro que Flávio Colin começou a construção da poética visual que caracterizou seu trabalho ao longo da trajetória profissional.

Segundo Gonçalo Júnior (2009, p.35), Flávio Colin gostava de produzir histórias de assombração, com fantasmas e mortos-vivos na X-9. Havia quem dissesse que não era terror, mas “terrir”, por causa das pitadas de humor bem brasileiras. (...) O gosto pelo gênero foi desenvolvido porque incitava sua imaginação.

Esse gênero foi o primeiro do qual Flávio Colin produziu não só desenhos, mas todo o processo de uma história em quadrinhos, como roteiro, letreiramento, quadrinização e desenho. Diferente de outros gêneros, o artista possuía uma demanda bastante significativa, uma vez que, segundo VILELA (p.113, 2009), o terror é um dos poucos gêneros em que as histórias em quadrinhos brasileiras conseguiram obter sucesso comercial. Pode-se dizer que é, também, o único no qual os artistas de quadrinhos brasileiros (sejam eles natos ou naturalizados) conseguiram construir uma espécie de tradição.

Waldomiro Vergueiro, citado por Túlio Vilela (2009, p.113) considera que os quadrinhos nacionais desse gênero conseguiram ser tudo aquilo que os quadrinhos de super-heróis produzidos no Brasil não conseguiram, pois estes nunca tiveram muito sucesso e, na maioria das vezes, não conseguiram ser mais do que cópias apagadas dos super-heróis norte-americanos.

Flávio Colin usou durante toda sua carreira, inspirações do folclore brasileiro, fatos corriqueiros e causos que ouvia quando criança. Considerando que Colin foi um dos pioneiros dos quadrinhos de terror no Brasil, podemos afirmar que ele influenciou toda a construção desse gênero. Túlio Vilela (2009, p.123) afirma que nas histórias em quadrinhos de terror, a oralidade da cultura popular, os “causos” contados de geração para geração em nossas cidadezinhas do interior. (...) Outro elemento presente nos quadrinhos brasileiros de terror ligado a essa oralidade é o fato de um grande número de histórias serem apresentadas como sendo a reconstituição de supostos fatos verídica.

(...) Por meio da oralidade, difundiram-se muitas lendas de nosso folclore, bastante influenciado pela religiosidade popular.

## 1. Diversão Sinistra – 1ª fase de Colin

Diversão Sinistra é uma história de terror realizada no período em que Flávio Colin trabalhou na editora Outubro, de Miguel Penteadó e Jayme Cortez, entre 1959 e 1963 para as revistas “Histórias Sinistras”.

Essa história em quadrinhos caracteriza a primeira fase de COLIN<sup>2</sup>(2002), da qual o artista comenta as suas influências. “Eu admirava muito o trabalho do Milton Caniff, que desenhava "Terry & Os Piratas"; Chester Gould, que fazia Dick Tracy; Alex Raymond, de Flash Gordon, um dos maiores desenhistas americanos, se não for o maior; e Burne Hogarth, que fez Tarzan.”.

Gonçalo Júnior (2002, p. 04) considera que o traço do desenhista nessa aventura sobrenatural já está plenamente identificado com o estilo que o consagraria como um dos artistas mais originais dos quadrinhos do século XX em todo mundo, mas com predominância do caricatural como recurso para distorcer as figuras e adequá-las ao propósito de assustar.

Nós entendemos que essa primeira fase de Colin demonstra um momento do qual Colin ainda estava absorvendo uma série de influências e apesar de ser um artista que teve em sua base uma formação acadêmica, logo Colin subverteu a sua formação incluindo a distorção da figura humana em seus trabalhos.

Entretanto, não podemos considerar que o traço de Colin já estava plenamente desenvolvido, como Júnior afirma, uma vez que durante o trajeto artístico de Colin sofreu diversas influências, inclusive de outros segmentos, como a publicidade e propaganda e a escultura, da qual Colin adota na sua fase mais madura e influência de sobre maneira seu uso de luz e sombra e caracterização dos traços.

Segundo Colin (2002), “a base tem que ter estudo, tem que ser acadêmica. Meu esboço é quase acadêmico, a estilização é feita depois. Você não pode partir direto para o cartum, e eu vejo muito disso, principalmente, em fanzines. Mas o cartunista sabe que tem que ter essa base de anatomia. Estilizar “direto é muito difícil e o desenho não fica completo”

Abaixo segue uma sequência de estudos de personagens que Flávio Colin realizou com lápis e tinta nanquim. O uso dos materiais não foi ao acaso. Todos os seus

---

<sup>2</sup> Entrevista cedida a Samir Naliato em 2002. Disponível no site [www.universohq.com](http://www.universohq.com)

referenciais de arte na época utilizavam pincel, bico de pena e nanquim para realizar seus trabalhos. Nota-se também a base da anatomia realista e as tentativas de estilização com base nos artistas mais populares da época na área das histórias em quadrinhos.



Fig. 01 – Estudos de personagens de Flávio Colin  
(ver bibliografia do livro de Jayme Cortez 2002).

Apresentamos ainda um pequeno infográfico comparando as referências de Colin com seu trabalho. Tanto Chester Gould quanto Milton Caniff realizam um trabalho com influências realistas, mas estabelecendo um estilo próprio, distorcendo, reestilizando linhas e propondo um design único.



Chester Gold



Milton Caniff



Flávio Colin

Fig. 02 – Comparativo das referências de Flávio Colin de Flávio Colin (PESSOA, 2002).

O mérito da escolha de Colin se reflete ao comparar a produção de outros artistas contemporâneos, que tinham um estilo de traço e trabalho bastante semelhantes

a produção de histórias em quadrinhos de terror que, segundo JÚNIOR (2002, p.04). chegavam ao ponto de copiar sequências inteiras dos artistas da E.C. Comics, editora americana que supria a produção de histórias em quadrinhos de terror.

Acreditamos que outros artistas como Eugênio Colonesse, Júlio Shimamoto e Nico Rosso, assim como Colin, conseguiram através das suas respectivas produções destacar da mera cópia dos quadrinhos de terror publicada pela E.C. Comics.

Com a censura estabelecida nos Estados Unidos e a conseqüente repressão da produção da editora E.C. Comics, ficaram a cargo de autores nacionais suprir essa demanda.

### **1 O cavalo encantado – a volta de Colin para os quadrinhos**

Esse trabalho, publicado pela primeira vez no Grande Livro do Terror, da Argos, em 1978, é um contra ponto da 1ª fase de Flávio Colin.

Este trabalho destoa da grande produção de Flávio, uma vez que marca uma volta do artista que estava centrado em trabalhos na área da publicidade. O traço de Colin é bastante semelhante aos artistas que realizam *Story Boards* na publicidade e apresenta um traço de caráter mais acadêmico e menos pessoal.

Segundo JÚNIOR (2002, p.15), ao realizar a HQ “O cavalo encantado” parecia buscar enquadramentos e acabamento que se tornassem um marco em seu retorno. Como se quisesse encher os olhos dos leitores e, ao mesmo tempo, sintetizar tudo aquilo que havia aprendido depois do “exílio” longe dos quadrinhos.

Colin domina aqui todo o espaço disponível nos quadrinhos para contar a história. Para 1978, quando a paginação estava engessada numa estrutura bidimensional, seus enquadramentos eram uma ousadia.

Na segunda fase do trabalho de Flávio Colin as noções técnicas de design, composição e leitura atingiram maturidade enquanto meio de comunicação. A estética, entretanto, ainda passa por um processo de transição, uma vez que sua linguagem estilística remete muito mais a sua experiência anterior na publicidade que das histórias em quadrinhos.



Fig. 03 – COLIN (2002, p.15)

## 2 Admirável mundo novo - consolidação de uma estética visual em seu último trabalho

Sobre o processo de mudança, Flávio Colin (2002) declara:

Olha, eu primeiro fui procurando um traço pessoal, algo que me identificasse. Mas um traço onde eu me sentisse à vontade, porque não adianta fazer algo que é pretensamente pessoal, mas que você não se sinta confortável. Então, eu tinha que fazer alguma coisa que me agradasse, estética e artisticamente. Fui e sou um adepto da simplicidade. Acho que a coisa tem que ser simples.

Eu não rabisco muitas coisas. Uso muito contraste, mas procuro sintetizar, fazer a coisa simples. Talvez seja por isso que dizem que eu sou moderno, eu estilizo, às vezes meio caricato.

Flávio Colin estabeleceu uma direção de arte marcante em seus trabalhos ao longo do seu processo de criação, tanto no desenho, como nos seus elementos gráficos pertinentes às histórias em quadrinhos, tais como tipografia, design de página, anatomia expressiva e facial, texturização, entre outros, a ponto de promover uma linguagem de comunicação própria, de fácil identificação e difícil imitação.

A evolução da sua linguagem gráfica pode ser notada no autorretrato que realizou em dois momentos distintos de sua carreira, um realizado na segunda fase de sua carreira e outra já na fase final de seu trabalho.



Fig. 04 – COLIN (2002, p. 25)

Esse tipo de comunicação que Flávio Colin criou influenciou outros artistas e designers. Um exemplo é o trabalho de Sérgio Chaves, que desenvolveu uma tipografia baseada na estética de comunicação de Flávio Colin.

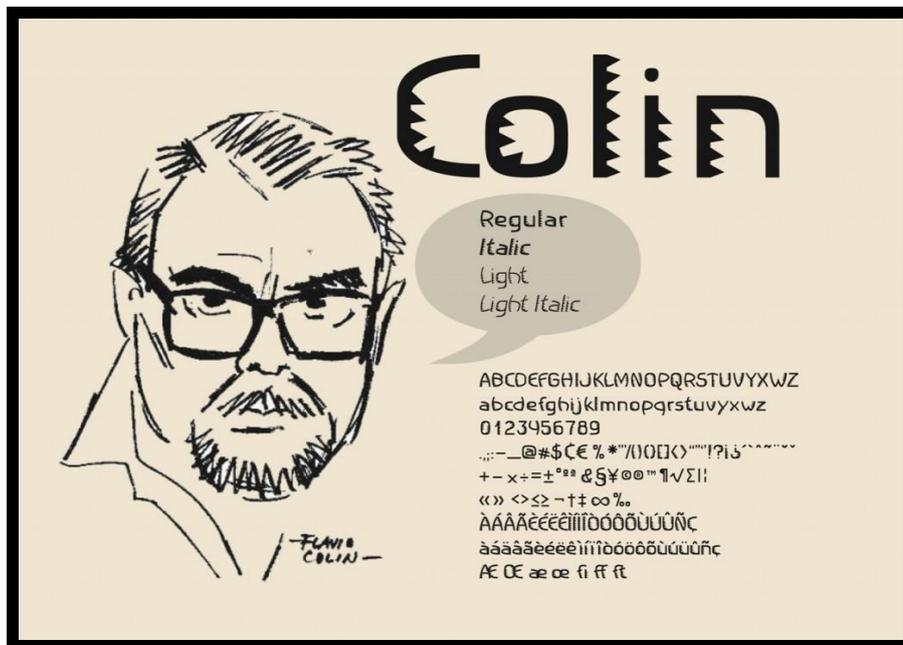


Fig. 05 CHAVES (2012)



Fig. 06 CHAVES (2012)



Fig. 07 CHAVES (2012)

É importante frisar que não foi estabelecida uma escola, como foi feito no Japão ou nos Estados Unidos, mas quando pensamos em quadrinhos nacionais como meio de comunicação, podemos afirmar que a estética e o código de comunicação de Flávio Colin se encaixa numa linha estética genuinamente nacional.

A tipografia escrita à mão, tanto para títulos, onomatopéia e texto de diálogo cria o DNA semelhante ao estilo e arte produzida para as histórias em quadrinhos.



Fig. 08 – COLIN (2002, p.01)

## Considerações finais

O intuito do artigo é um resgate e uma tentativa de posicionar este artista para as gerações mais jovens que possuem acesso restrito ao trabalho deste artista, bem como seus contemporâneos como Rodolfo Zalla, Eugênio Colonesse, Júlio Shimamoto entre outros.

Flávio Colin criou uma forma de comunicação calcada em desenhos com estruturas realistas e códigos como texturas e padrões que, inseridas com os conectivos das histórias em quadrinhos como balão de texto, cenário e narrativa, oferece ao leitor um estilo que não chegou a criar uma escola, mas é um dos poucos autores dos quais influenciou outros artistas da sua própria geração e gerações posteriores.

Essa evolução demonstra um autor consciente da sua trajetória como artista, em busca de um discurso e de uma maneira única de se comunicar. Seu traço foi, ao longo do tempo, buscando uma síntese, uma simplificação na significação das formas, o que não é algo fácil. Do ponto de vista comunicacional, é muito mais comum o desenhista representar com desenhos acadêmicos, ou seja, que codifica a imagem com todos seus detalhes. Simplificar de forma que o signo continue identificável e comunicacional, só os grandes mestres conseguem tal feito. E Colin, ao longo dos anos, conseguiu isso com maestria.

O presente estudo é apenas uma introdução ao universo imagético de Flávio Colin e que pretende estender para outros elementos presentes na comunicação, tais como tipografia, cores, narrativa entre outros, sempre com ênfase no impacto na comunicação.

## Referências

COLIN, Flávio. **Diversão sinistra**. In: Filho do Urso e Outras histórias. São Paulo: Ed. Ópera Graphica, 2002.

\_\_\_\_\_. **O cavalo encantado**. In: Filho do Urso e Outras histórias. São Paulo: Ed. Ópera Graphica, 2002.

COLIN, Flávio, SRBEK, Wellington. Admirável mundo novo. In: **Mystérion**. Minas Gerais: Edição independente, 2002.

CHAVES, Sérgio. **Tipografia Colin**. Disponível em:

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=1753524213815&l=05202ac1f5>. Acesso em 28 de maio de 2012

GOMÇALO JÚNIOR. **Vida traçada**: um perfil de Flávio Colin. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.

NALIATO, Samir. **Flávio Colin**: uma lenda viva dos quadrinhos; brasileiro, com orgulho! Entrevista disponível em: [www.universohq.com](http://www.universohq.com). Acesso em 28 de maio de 2012

PESSOA, Alberto. **Flávio Colin**: Percepção visual de vida e obra. Artigo disponível em: <http://ligazine.com.br/colunas/index.htm>. Acesso em 28 de maio 2012.

VILELA, Túlio. A religião e o sobrenatural nos quadrinhos brasileiros de terror. In: VERGUEIRO, Waldomiro. RAMOS, Paulo (org.). **Muito além dos quadrinhos**: Análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Devir Livraria, 2009.